

SÉRIE ESPECIAL



# PATRÍCIA GALVÃO

---

# A INQUIETA

---

# PAGU

---

ÍCONE DO FEMINISMO BRASILEIRO, PAGU FOI MUITO ALÉM DE ENCANTAR OS MODERNISTAS. VIVEU SOB REGRAS PRÓPRIAS E DEIXOU COMO LEGADO A IDEIA DE QUE AS MULHERES PODEM, E DEVEM, SER LIVRES

TEXTO Dimalice Nunes

Foto de data desconhecida, provavelmente nos anos 1920



**P**agu já foi quase palavrão, sinônimo de confusão, antônimo de moça direita.

Considerada por muitos como louca e devassa, o fato é que ela fez e viveu diferente das outras, desde o começo. Morreu cedo, aos 52 anos, mas o que aconteceu nesse tempo foi tudo intenso e precoce.

“Ela sempre foi vista como muito louca, e é essa Pagu que precisa ser desmistificada”, afirma a pesquisa-

dora Lucia Maria Teixeira, autora de *Pagu - Livre na Imaginação, no Espaço e no Tempo*.

Jornalista, militante política, escritora, tradutora, desenhista e diretora de teatro, Patrícia Rehder Galvão nasceu em uma família de classe média alta de São João da Boa Vista, interior de São Paulo, em 1910. Mudou-se para a capital aos 2 anos. Morou na Liberdade, Brás, Aclimação, Bela Vista e em uma chácara no en-

tão município de Santo Amaro. Aquela São Paulo pulsante do começo do século 20 foi o cenário perfeito para as estripulias de quem se auto-declarava uma “moleca impossível”.

Impossível também para os valores de hoje. Aos 12 anos, no 1922 em que acontece a Semana de Arte Moderna, inicia sua vida sexual com Olympio Guilherme, diretor do primeiro filme neorrealista brasileiro. Aos 14, engravidada e faz um abor- ➤

## SÉRIE ESPECIAL



Na frente: Pagu, Anita Malfatti, Tarsila do Amaral, Elsie Houston, e Eugênia Álvaro Moreyra na Exposição de Tarsila do Amaral no Rio de Janeiro, em 1929

to. O que seria então um choque destruidor para a maioria das moças, para ela foi uma fase.

“Ela procurava pessoas e causas autênticas”, afirma o professor K. David Jackson, da Universidade de Yale, especialista em literatura de língua portuguesa no prefácio do livro *Paixão Pagu - A Autobiografia Precoce de Patrícia Galvão*. O livro foi escrito por Pagu originalmente como uma longa carta aos seus filhos em 1940, quando, com apenas 30 anos, acabara de sair de sua 23ª passagem pela prisão.

### CASAMENTO GÓTICO

Aos 15, começa a carreira jornalística - que a sustentaria e a acompanharia até o fim - colaborando com o *Jornal do Brás* enquanto ainda frequentava o curso de normalista.

Ainda na escola, ainda Patrícia - Zazá para a família e Patsy no jornal -, conhece o poeta Raul Bopp, que a enturma com os modernistas, especialmente com o então casal

Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral. Eles se encantam com a colegial de batom escuro e atitude desbocada. Aos 19, começa a colaborar com a revista *Antropofagia*, fundada por eles, que publica seus desenhos.

“Fazia as vezes de mascote do modernismo paulista e de ‘boneca’ do casal Tarsila e Oswald de Andrade”, afirma a antropóloga Heloisa Pontes, pesquisadora do Núcleo de Estudos de Gênero da **Unicamp** - núcleo que leva o nome de Pagu, aliás - no artigo *Vida e Obra de uma Menina Nada Comportada*.

O apelido Pagu também foi ideia de Bopp, segundo o escritor e biógrafo Augusto de Campos, autor de *Pagu, Vida e Obra*. À época, o poeta sugeriu que ela usasse um nome literário com as primeiras sílabas de seu nome e sobrenome. Mas houve um engano: ele pensou que o sobrenome fosse Goulart. Já era tarde: o poema *O Coco de Pagu* já estava pronto. “Pagu tem os olhos moles / uns olhos de fazer doer”, são os primei-

ros versos da homenagem à menina, rebatizada assim por ele.

A “boneca” acabaria por trair a dona. Em 1930, num imenso escândalo, casa-se com Oswald de Andrade. Provavelmente, já eram amantes. Num gesto memoravelmente excêntrico, o casamento foi no Cemitério da Consolação, em São Paulo, diante do jazigo da família do escritor.

### FASE VERMELHA

Em 1930, a até então próspera São Paulo estremece sob o impacto do crash da bolsa de valores de Nova York. O preço do café desaba, a imigração do interior para a capital acirra a disputa por emprego na recém-industrializada cidade. As condições de vida dos trabalhadores pioram, a tensão aumenta. “A (causa) que a encontrou primeiro, inesperadamente, foi a questão social e o ativismo político, mas demorou para sentir um interesse vital. Tampouco achava interessante no começo a política radical”, conta K. David Jackson.

A mudança de opinião veio após uns dias com o líder comunista Luís Carlos Prestes. O encontro aconteceu em 1931, em Montevidéu, no Uruguai, e a ligação com o Partido Comunista (PCB) durou sete anos. “A pureza do caminho de Patrícia logo se mostrou incompatível com a ação partidária que escolhera”, explica Jackson, em *Paixão Pagu*. “Ia acabar sendo expulsa em 1938, mas não antes de tentar provar a sua proletarização, inclusive com o romance *Parque Industrial*, de 1933. Ninguém ainda havia feito literatura nesse gênero.” A obra é considerada um dos pontos altos da trajetória de Pagu e, por exigência do Partido Comunista, saiu sob o pseudônimo de Mara Lobo.

O pseudônimo se juntou a muitos outros, como Pat, Pt, Ariel, Gim, Solange Sohl etc. Como King Shelter, escreveu histórias policiais para a revista *Detetive*, do dramaturgo Nelson Rodrigues, identidade descoberta apenas 36 anos depois de sua morte. Traduziu Franz Kafka e Eugène Ionesco quando ninguém ainda os conhecia por aqui.

### “AGITADORA ANARQUISTA”

A falta de pudor se transforma também em coragem. Ainda em 1931, no porto de Santos, durante um choque entre trabalhadores e a polícia, foi ela quem recolheu o corpo agonizante do estivador negro Herculano de Sousa, enfrentando a cavalaria. É presa pela primeira vez, como agitadora. O episódio lhe rendeu o título de primeira presa política no Brasil depois da independência. Por conta do incidente, o próprio Partido Comunista, receoso de ser responsabilizado, chamou-a de “agitadora individual, sensacionalista e inexpe-

riente”. Filiada ao PCB, tanto ela como Oswald eram malvistas pelos militantes do partido. Em março do mesmo ano, lançaram o tabloide *O Homem do Povo*, pasquim político que circulou por apenas dois meses. A polícia o proibiu.

Depois da prisão e da publicação de *Parque industrial*, Patrícia vai embora para dar uma volta ao mundo, enviando, como correspondente, reportagens para jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo, como *Correio da Manhã*, *Diário de Notícias* e *A Noite*. Seu primeiro filho, Rudá de Andrade, fica aos cuidados do pai.

Visitou os Estados Unidos, Japão e Manchúria, região que hoje é território chinês, então um protetorado japonês. Lá, fez a cobertura da coroação do imperador Pu-Yi, último imperador legítimo da China, deposto em 1912, e agora posto de volta como um fantoche dos japoneses. No navio, entrevistou Sigmund Freud.

### RAINHA DA SOJA

Pagu também é considerada uma das responsáveis por trazer a soja

para o Brasil. Nessa viagem, como conta Raul Boop na biografia de Augusto de Campos, Patrícia fez amizade com a madame Takahashi, esposa do diretor da South Manchurian Railway. Com a influência da amiga, Pagu tinha bom acesso ao palácio, onde conversava informalmente com o imperador. “Quando Pagu me narrou o ambiente de familiaridade, pedi que procurasse arranjar algumas sementes selecionadas de soja”, contou Bopp a Campos. Logo o amigo poeta receberia 19 saquinhos de semente.

Pagu não parava. Após a aventura oriental, entrou na Europa de trem pela Transiberiana, passou por Moscou e chegou a Paris. Na França, passou a frequentar alguns cursos na Sorbonne e filiou-se ao Partido Comunista Francês. Foi pega pela polícia com documentos falsos, o que lhe garantiu mais uma prisão. Acabou liberada após a intervenção do embaixador brasileiro Souza Dantas junto ao governo francês.

Mas o cerco do governo Vargas aos comunistas estava mais aper-



A primeira prisão, em 1931

## SÉRIE ESPECIAL



Pagu e Oswald de Andrade



Com o segundo marido, Geraldo Ferraz

tado do que nunca. Na primeira metade da década de 1930 o cenário político brasileiro é balanceado por dois extremos opostos, a Ação Integralista, de inspiração nazifascista, e o Partido Comunista.

**INIMIGA DO ESTADO**

1935 seria um ano furioso. Após várias crises de ciúmes, separa-se de Oswald de Andrade.

Enquanto isso, a Aliança Nacional Libertadora (ANL), agrupando, numa “frente única”, elementos de

esquerda, sindicatos e alguns tenentes, expandia-se sob a presidência geral de Luís Carlos Prestes. Ao radicalizar suas propostas, a ANL foi fechada pelo governo, fragmentando-se. Os comunistas, em resposta, optaram pela insurreição armada.

Otimista, Prestes esperava que a revolta militar despertasse uma adesão massiva. Mas veio o fracasso do levante, em 1935, e todos os suspeitos foram caçados, presos, torturados e alguns, eliminados. Pagu está entre eles, e vai de novo para a cadeia.

Desta vez, por dois períodos praticamente sem intervalo, que dariam um total de cinco anos.

Em muitas ocasiões, esteve sob tortura. “Passavam-se as horas e os dias e as semanas e o sangue escorrendo e os verdugos se revezando para me vencerem ou me enlouquecerem. Descansava no hospital e voltava para a tortura”, conta a própria Pagu em texto reproduzido por Augusto de Campos. “Agildo Barata, o chefe dos verdugos, pregava então os pregos na minha cabeça.” Em entrevista ao escritor, sua irmã Sidéria Galvão confirma: “No Rio, foi torturada, sim, inclusive aquela tortura estúpida, de unha e tudo, ela apanhou bastante no Rio, sim. Ficou muito doente”. Ao pai, Pagu escreveu da prisão: “Continuo ainda um pouco esmagada, mas vai se vencendo corajosamente”.

O período da prisão cobrou um alto preço de Patrícia, que preferiu não ser mais chamada de Pagu. Com apenas 44 quilos e convivendo com sequelas físicas e emocionais, padecia de forte depressão e sobreviveria à sua primeira tentativa de suicídio. Na saída, Pagu rompe com o Partido Comunista, de linha stalinista, afirmando-se trotskista.

**ÚLTIMO ROMANCE**

O amigo Geraldo Ferraz é um importante apoio nesse momento e eles acabam se casando. Aos poucos Patrícia se reergue, tem seu segundo filho, Geraldo Galvão Ferraz, e retoma o jornalismo. Trabalha como correspondente da agência France-Press no Brasil por dez anos.

Assim como recuperou a saúde, os ideais políticos também voltam para sua vida, agora pelo viés de um socialismo bem mais brando.

Entra para o pequeno Partido Socialista e se candidata, sem sucesso, a deputada estadual em 1950. Na campanha, publica o panfleto *Verdade e Liberdade*, expondo os motivos que a levaram a romper com o Partido Comunista. “Então, quando recuperei a liberdade, o Partido me condenou: fizeram-me assinar um documento no qual se eximia de toda a responsabilidade. Aquilo tudo, o conflito e o sangue derramado, fora obra de uma ‘provocadora’, de uma ‘agitadora individual, sensacionalista e inexperiente’. Assinei.”

Um retorno às artes marca o que se tornaram seus últimos anos. A impaciente Patrícia, em 1952, volta aos estudos e frequenta a Escola de Arte Dramática de São Paulo, onde apresenta tradução e estudo de *A Cantora Careca*, de Ionesco. Já em Santos, no litoral paulista, para onde se muda, assume a coordenação do Teatro Universitário Santista (1956) e a presidência da União dos Teatros Amadores da cidade (1961). A partir de 1957 mantém a coluna *Palcos e Atores*, em *A Tribuna*, jornal local. Na coluna, lutava pela dramaturgia experimental e pela liberdade de criação. Dirige *Fando e Lis*, de Fernando Arrabal, que recebeu vários prêmios. Mais tarde, encenaria também *A Filha de Rapaccini*, de Octavio Paz.

Trinta anos depois da aventura ao redor do mundo, é hora de voltar a Paris. Desta vez, porém, para uma cirurgia que poderia curá-la de um câncer. Sem resultado. Ela tenta o suicídio novamente e volta ao Brasil. “Quando eu morrer, não quero que chorem a minha morte. Deixarei o meu corpo pra vocês”, diz em uma de suas charges, da personagem Kabeluda. Seu corpo foi deixado há 55 anos, em 12 de dezembro de 1962. **AH**

## AVÓ DO PUNK

Não só arte e política, como um ícone *fashion* e um modelo às avessas de comportamento. Cheia de atitude, a contestação em pensamento e ações se concretizava na boca muito escura, quase roxa, nos olhos sempre marcados em preto e num pancake que acentuava a palidez, tudo teatral (ou cinema mudo) e exagerado. Ela também provocava reações pelos cabelos desalinhados, roupas muito curtas, blusas transparentes, decotes profundos e por fumar na rua, como descreve o amigo Alfredo Mesquita, na biografia de Augusto de Campos, *Pagu, Vida e Obra*.

No mesmo livro, Oliveira

Ribeiro Neto, outro amigo, descreve: “Usava pestanas postiças, muito rímel, estava sempre com pestanas enormes e olhos muito pintados. Os lábios grená, quase roxos, e isso era muito chocante... Pagu usava saia curta, quase minissaia, por isso chamava muita atenção. E, se alguém fizesse piada, respondia à altura: chamava de filho disso ou filho daquilo”. Ainda eram as décadas de 1920, 30. A minissaia e os cílios só entrariam para o aceitável em moda feminina na década de 1960. É essa figura icônica que é (em mais de um sentido) abraçada pelos modernistas, aos 18 anos.

